

Aprender com os outros

Se mais méritos não tivessem, as avaliações internacionais fiáveis, promovidas pela OCDE, provocam reacções nos países e convidam as sociedades a reflectir, a partir das comparações estabelecidas que têm ido para além dos resultados escolares. A leitura dessas reacções e análises podem ser um bom contributo para a nossa própria reflexão e daí termos seleccionado o artigo *Education: à l'école des autres*, que analisa as deficiências do ensino em França, caracterizando ideias chave dos sistemas educativos dos países com melhores resultados.

Em França, o quadro dos resultados tem algumas semelhanças com o nosso País, no que diz respeito à saída precoce do sistema escolar. Em cada ano, cerca de 150 000 jovens (mas do que um em cinco) abandonam a escola antes da obtenção de um diploma. Os autores deste artigo afirmam que estes são as vítimas mais visíveis do sistema, mas que há outras, provocadas pela obsessão, pela selecção e pela competição. Contrariando a ideia de que esse seria o preço necessário a pagar para reunir os melhores, concluem que os alunos são médios e apenas 37% dos jovens acedem ao ensino superior; contra 75% na Suécia e uma média de 51% nos países da OCDE. Admitem que outros, como a Finlândia, Canadá e a Inglaterra fazem melhor. Em Portugal, segundo os dados mais recentes do Ministério da Educação (GIASE), a taxa de escolarização no ensino superior, em 2002/03, apesar de ter quintuplicado em relação a 1994/95, o que traduz uma melhoria significativa, era de apenas 28,3% e as taxas de retenção e não conclusão são muito elevadas.

Afirmam ainda estes autores que a Escola francesa vai mal, pois permanece uma máquina enorme, com um modelo ultrapassado e sem grandes resultados. A ideia é aprender com os outros e, por isso, questionam: Quais são as receitas fundamentais de países onde a escola vai bem? O que fazem que nós não fazemos?

L'ÉVÈNEMENT

Les bonnes recettes venues d'ailleurs

Education : à l'école des autres

En France, un jeune sur cinq décroche de l'école. De quoi remettre en question notre politique. A quelques jours de la rentrée scolaire. Comment savoir comment s'en tiraient les autres...

Sans cesse réformée mais toujours incomplète, l'école française va mal. Elle reste une énorme machine, d'un modèle dépassé, où les rouages s'épuisent sans grand résultat. Une école de fous où les enseignants, souvent démoralisés, dépassés, ne savent plus comment remplir leur mission. Or, selon l'OCDE, nos ados détiennent le record de la souffrance au travail. Et pour quel résultat ? L'échec scolaire est massif. Chaque année, 150 000 jeunes décrochent sans diplôme au poche, soit plus d'un sur cinq !

Et ce n'est pas tout. En France, 37% seulement d'une génération accède à l'enseignement supérieur contre 75% en Suède par exemple, et 51% en moyenne parmi les pays de l'OCDE. Peut-être même peut-on attribuer aux effets de cette sélection par l'école, dont la France est la championne, une certaine morosité qui caractérise la société française ? Telle est la thèse défendue par Patrick Fassin dans son livre « La Fabrique des "médians" » (1). Vu de l'étranger, c'est encore plus étonnant. Pascal Baudry, psychanalyste et chef d'entreprise qui vit entre la France et les États-Unis, dénonce : « un système malade et dilatoire que

In Le nouvel Observateur, 25-31 Agosto 2005



Et ceux qui croient qu'ils sont le prix nécessaire à payer pour devenir mieux que les autres se trompent. Les évaluations internationales très faibles menées par l'OCDE (voir encadré p. 29) permettent depuis peu de comparer le niveau scolaire des jeunes à travers le monde. Or la France n'a pas de quoi plastronner. Le Canada, la Finlande, l'Australie, le Japon, les États-Unis mais aussi la Corée ou la République tchèque font bien mieux que nous. Coup dur pour l'orgueil national, nos élèves sont tout juste moyens. Parc : notre école gratuite, laïque et républicaine se revèle particulièrement inégaie. Plus qu'ailleurs elle célèbre les inégalités sociales. Foi d'Israël, jamais il n'a été aussi difficile pour un Kevin de la Cité des Étoiles de s'asseoir sur les bancs d'une grande école, jamais il n'a autant couru le risque de pointer au chômage. Inégaie, élitiste, notre système scolaire est de surcroît abominablement malhonnête. Les guerres économiques d'aujourd'hui se livrent à coups

Une école de fous où les enseignants, souvent démoralisés, dépassés, ne savent plus comment remplir leur mission. Or, selon l'OCDE, nos ados détiennent le record de la souffrance au travail. Et pour quel résultat ? L'échec scolaire est massif. Chaque année, 150 000 jeunes décrochent sans diplôme en poche, soit plus d'un sur cinq !

Il faut bien l'admettre. D'autres font beaucoup mieux que nous - Finlande, Canada, Royaume-Uni, etc. - avec des méthodes moins brutales. A l'heure où notre ministre de l'Éducation hésite encore à lancer son train de réformes, quelles leçons peut-on tirer de leurs expériences ? Voici les recettes fondamentales de pays où l'école marche bien.

bons élèves mais aussi à ceux qui ont plus de difficultés d'apprendre. Avec la conviction per-

Dos EU e Canadá, salientam a atitude geral, o clima de encorajamento, que se baseia na ideia que a autoconfiança é a chave do sucesso. O aluno deve antes de tudo acreditar nas suas capacidades e para isso tem necessidade que os adultos o encorajem. Salientam ainda mais duas ideias: a de manter os alunos na mesma turma ao longo da sua escolaridade, evitando a retenção, com apoios adequados; e a importância dos alunos construírem um projecto e se conhecerem melhor para se poderem orientar.

Da Finlândia, salientam a revolução nas atitudes provocada pela descentralização, iniciada nos anos 70, em que o trabalho em equipa entre os professores se tornou a regra. Essencialmente, as escolas têm muita autonomia e usam-na bem, sendo equipa pedagógica a responsável pela boa execução do projecto educativo.

Da Grã-Bretanha, que a melhoria significativa nos resultados escolares (muito significativa na Matemática), nos últimos dez anos, se deveu a um percurso inverso: currículos e exames nacionais e reorganização da inspecção escolar com maior controlo sobre o trabalho efectivo de cada escola.

E nós por cá? Acreditamos que podemos resolver os nossos problemas se reflectirmos, à luz da nossa cultura, sobre boas práticas, nossas e dos outros.

Porque não começar por combater o nosso pessimismo habitual, promovendo a tal atitude geral de valorização da cultura e da qualificação como na Finlândia, a cultura de encorajamento existente no Canadá e EUA e o auto controlo nas escolas?

Isabel Rocha
Manuela Pires